

O MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES *

Como associação de "formação cooperada" o Movimento da Escola Moderna tem sido em Portugal a organização mais coerente na Formação de Professores. Este Movimento, pelas suas características próprias tem dado origem a uma verdadeira dinâmica formativa. Nunca houve e, será difícil, num futuro próximo encontrar outra estrutura que tenha proporcionado uma prática mais coerente daquilo que actualmente se chama a formação contínua e/ou formação em serviço.

Considero da maior importância o contacto directo com este Movimento, da parte daqueles que se interessam pela formação de professores, que proporcione um conhecimento interno das suas actividades, diria mesmo, uma vivência em situação do conjunto das práticas e reflexões que lhe são próprias. É de realçar o contributo que o Movimento da Escola Moderna, pelo Sérgio Niza e toda a equipa, tem dado à formação de professores em Portugal.

Poderemos enunciar da seguinte maneira, o que, na minha opinião, são as duas características principais do Movimento:

- centrar o acto pedagógico nas práticas e actividades do aluno (e do grupo de alunos).

- centrar a reforma do ensino no professor, em situação profissional.

Estes dois princípios são extremamente actuais e ainda não realizados pois, na prática, continuamos com grande dificuldade em centrar o acto pedagógico no aluno. A nossa realidade é a de uma pedagogia centrada no professor e na instituição, respectivamente no que se refere à sala de aula e à estrutura social. Encontramos a mesma dificuldade em concretizar o 2.º princípio e a actual reforma do ensino (do ensino e não da educação, note-se), é disso exemplo. Ela, com efeito, não surge centrada no professor, sendo todavia este o seu referencial. Sem dúvida, este aspecto que aponto como negativo na reforma em curso e provavelmente o que está na raiz de um sentimento que por vezes é expresso pelos professores. Facilmente compreenderemos que se a reforma não é centrada nos agentes educativos, estes serão levados a senti-la com alguma estranheza.

Assim, a linha que se vem desenvolvendo nos últimos doze anos e que

* Este texto foi estabelecido a partir da gravação da comunicação proferida de improviso, no XII Congresso do M.E.M., em Julho de 1990, pelo que contém marcas evidentes de oralidade.

agora se concretiza, centra a Reforma preferencialmente na reforma das estruturas oficiais. Tal como Sérgio Niza já referiu, é uma reforma do ensino, na realidade, tem correspondido à reforma do Ministério da Educação, das suas estruturas, o que corresponde a uma forte crítica com a qual concordo.

Considero que o segredo do êxito dos Movimentos da Escola Moderna, advém do modo como Freinet compreendeu o acto pedagógico e o papel do professor. O descentramento que lhe é próprio relaciona-se com a perspectiva completamente nova das técnicas Freinet. A mudança da Educação que a Europa vivia desde o início do século centrava-se em descobertas científicas da Psicologia. O grande movimento montessoriano fundamenta-se numa perspectiva psicológica de então; o grande movimento decroliano decorreu, em última instância, de um conjunto de investigações das correntes gestaltistas. Simultaneamente, esta perspectiva centrava-se no conceito de interesse desenvolvido pela escola suíça de Claparède, ao qual se aliam os conceitos de necessidade e motivação. Esta triologia da reflexão científica própria da Psicologia dos anos vinte é um dos fundamentos decrolianos.

Posteriormente (anos 40/50) surge um conjunto de inovações importantes no campo da prática pedagógica, decorrentes fundamentalmente da Psicologia e da Sociologia: por um lado, correntes não directivas, centradas em práticas clínicas, e, por outro, correntes centradas na investigação sociológica. Por seu turno a perspectiva freinetiana é totalmente diferente ao centrar-se fundamentalmente numa vertente de análise política. Esta característica transformá-la-á numa novidade no contexto europeu.

Será de considerar que Freinet esteve em contacto com um dos períodos mais enriquecedores da história moderna, ou seja, os anos de 17 a 25, em que os ventos de mudança da Revolução Russa se faziam sentir. Qualquer movimento que tivesse algo de novo, ou ideia que na verdade se revelasse fértil, fecunda no campo educativo, eram aceites e apoiados pelo regime da U.R.S.S.. Momento correspondente a oito anos aproximadamente, de verdadeira experimentação de conceitos novos que faz surgir novas formas de gestão da classe escolar: classe (grupo, turma) centrada no grupo, classe centrada na produção ou classe centrada na vida fora da escola. Paralelamente a prática que emerge nesta época, por ser a que melhor corresponde à perspectiva estalinista do social, do económico e do político, será a de Makarenko. No entanto, a partir de 1925, a evolução da pedagogia soviética sofre uma orientação centralista e estatal.

Freinet contactara com esta situação, e a compreensão que ele tem das práticas e dos seus resultados, nomeadamente da escola soviética dessa época, possibilitar-lhe-á em parte distanciar-se e em parte conservar algo delas. A escola soviética, com a mesma filiação política que a de Freinet, seguirá uma linha totalmente diferente, em que as relações de organização social e de produção são relações de causa e efeito inspiradas em conceitos estalinistas datados.

Em Freinet, a evolução será totalmente distinta e, na minha opinião, isso explicará a sua grande força. Se tivermos em atenção as suas técnicas, verificamos que estas correspondem, na sala de aula, a duas categorias: técnicas de produção, como a imprensa por exemplo, e técnicas de organização social referentes à estrutura da classe enquanto grande grupo e pequeno grupo, segundo o princípio de articulação do indivíduo com o grupo. É precisamente nesta dualidade de técnicas que poderemos identificar o seu carácter inovador, uma vez que ele não estabelece o primado de um conjunto de técnicas em detrimento de outro. O que podemos reconhecer na sua pedagogia é que o conjunto de técnicas de cooperação, da classe como entidade cooperativa, não é condicionante necessária do conjunto de técnicas de produção, nem vice-versa. Freinet centra o acto pedagógico ou num dos conjuntos de técnicas ou no outro. Na minha opinião, esta é a sua grande descoberta: a possibilidade de polarizar dinamicamente o acto pedagógico tanto na produção como na organização, não fazendo depender qualquer uma delas da outra.

Eu diria que, actualmente (em 1990) a principal leitura que podemos fazer do pensamento de Freinet será a sua compreensão de movimentação social que implica a aglutinação no social dos aspectos político e económico.

Em síntese, poderemos dizer que a perspectiva de formação de professores do Movimento da Escola Moderna é totalmente nova nesta segunda metade do século XX. Ao contrário de diversas perspectivas e experiências de formação de professores, o seu princípio não é o da mistura a que costumo chamar o princípio do "cocktail", como metáfora de uma realidade que reúne uma lista de disciplinas educacionais visando a formação do professor. Tais disciplinas são na sua essência um pouco de desenvolvimento curricular, um tanto de psicologia da educação, mais alguma coisa de sociologia da educação a que será adicionado um pouco de prática controlada. Notemos que é precisamente este o princípio que os rege. A última legislação de formação em serviço (entre a inicial e a contínua) é disso um exemplo, com um somatório de módulos correspondentes a

distintas disciplinas que pretendem ser a preparação para uma imediata intervenção no real. Parte-se do teórico para o prático ou colocam-se ambos lado a lado, sem se conseguir fazer a sua articulação. Se quisermos estabelecer a articulação entre os diversos contributos disciplinares, a psicologia, a sociologia e a pedagogia, considerando-se esta como organização da intervenção na sala de aula, facilmente verificamos que as fronteiras não são nítidas e que os campos se implicam mutuamente. Se a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são ainda um problema para especialistas das ciências da educação, nomeadamente responsáveis pela formação de professores, poderemos interrogarmo-nos quanto à possibilidade do professor realizar na sua prática essa síntese essencial. Com um conhecimento fabricado exterior ao processo, eu considero que as hipóteses de êxito serão nulas.

Ora, toda a prática de formação de professores no Movimento da Escola Moderna tem um sentido inverso, ou seja, parte da situação em que o teórico é um "instrumental" em ordem à compreensão dessa mesma situação visando uma intervenção mais adequada. Parece-me ser esta actualmente, a perspectiva mais correcta e a que encontro como perspectiva central deste Movimento. Diria mesmo que este é o único processo adequado. Processo que implica a constituição de grupos de formação, na realidade de natureza auto-formativa, que desenvolvam projectos, segundo os quais pesquisem e procurem os contributos das diversas ciências, encaradas não como elaborações teóricas com valor em si mesmas, mas como algo de funcional.

O conjunto de disciplinas científicas que fundamentam o acto pedagógico não poderão interessar ao professor, enquanto construções teóricas por mais elaboradas que sejam e por maior erudição que lhe proporcionem. Quando na sua sala de aula, o professor tiver que buscar em si a fundamentação da sua decisão imediata, e contextualizada, de nada lhe servirão todas essas disciplinas constituídas. Na solidão da compreensão do real em ordem a uma intervenção adequada, falta ao professor a competência construída na análise dos dados recolhidos do real e fundamentada na reflexão teórico-prática com vista à criação de um hábito de realizar na sua prática a síntese que em si constituísse a própria intervenção.

É uma questão que se relaciona com a unidade da Pedagogia e a diversidade das Ciências da Educação na procura de uma identidade da ciência da educação. Terá ela que ser um somatório de diversas abordagens que por

si já adquiriram uma identidade própria e que quando se debruçam sobre o campo da educação passam a ter a designação de ciências da educação? Tenho, todavia, a convicção que a pedagogia enquanto ciência se tem fortalecido e nos oferece já a única oportunidade de compreendermos de modo fundamentado o nosso real e portanto intervirmos fundamentadamente nele.

Aceite, hoje, o conceito de ciência como aproximação progressiva e nunca acabada do real, em ordem a compreendê-lo de um modo mais organizado e fecundo, eu diria que em última instância toda a compreensão do real visa a intervenção nele. Esta concepção aproxima a perspectiva científica da intencionalidade da educação. Nós, professores, sabemos da necessidade de regularmos todo o processo de acordo com o "feedback" que vamos recebendo, para alcançarmos êxito no nosso acto pedagógico. Isto é sabido de um modo empírico, mas a atitude subjacente a essa procura de "feedback" revela já algo de científico. Se criarmos os meios instrumentais e conceptuais de regulação da intervenção estaremos a situá-la numa abordagem científica. É esta ideia nova que reconheço na pedagogia de Freinet. Centrar o acto pedagógico no aluno, dando-lhe os meios necessários para que seja instituinte e deste modo individualmente e/ou em grupo se institua como produtor e organizador do saber, é algo que hoje poderá ser feito dentro de uma perspectiva científica moderna, de rigor não subordinado às ideias mas subordinado a um processo organizado de retroacção. É ainda este princípio que se encontra na formação de docentes centrada na análise de práticas e na elaboração de projectos.

A ideia de que o projecto é um elemento formativo tem sido desenvolvida em Portugal fundamentalmente pela prática de formação de professores do Movimento da Escola Moderna, correspondendo a mais um contributo seu na generalidade da formação de professores, dada a sua propagação e desenvolvimento em diversas instituições de formação.

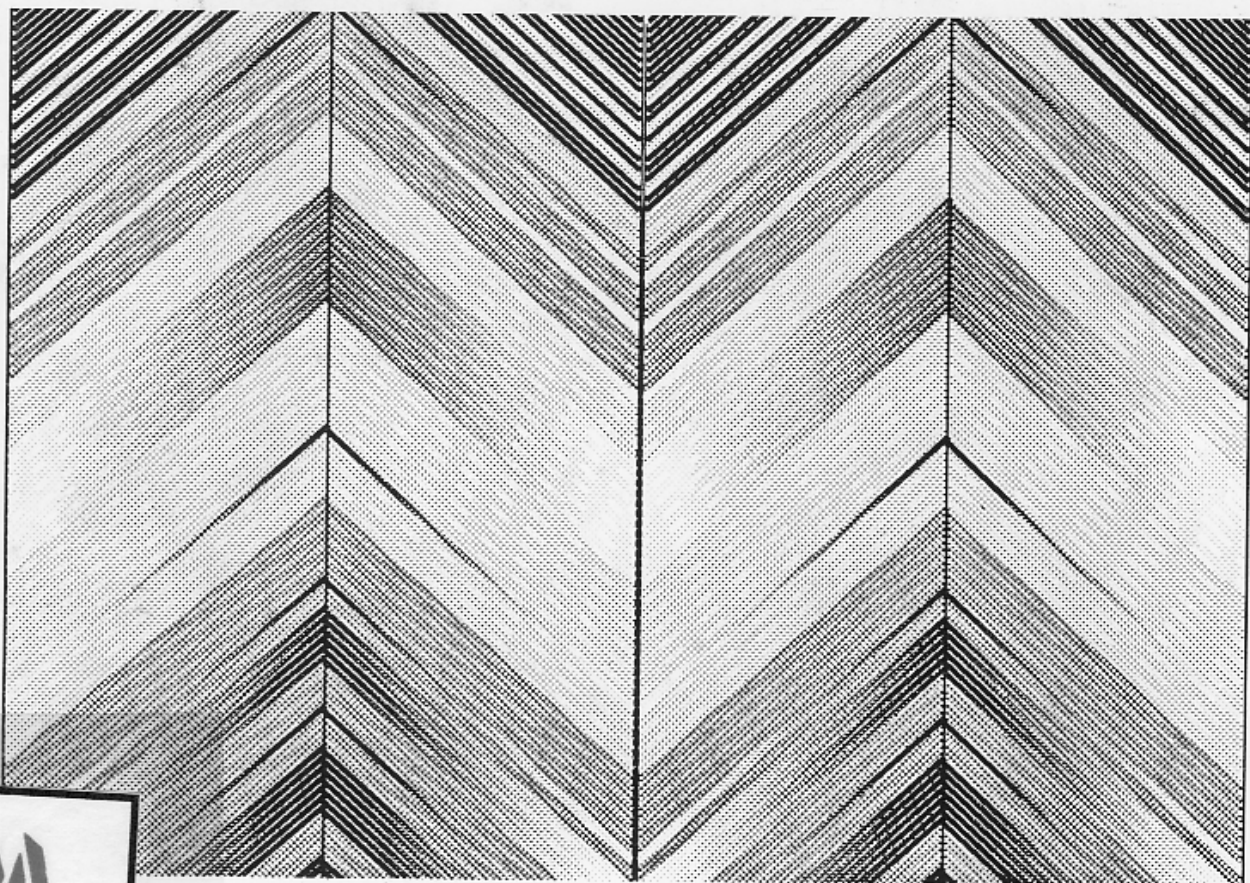
Albano Estrela

Professor Catedrático da Faculdade de Psicologia e de
Ciências da Educação de Lisboa

CADERNOS DE FORMAÇÃO COOPERADA - 1

NOS 25 ANOS DO MOVIMENTO DA
ESCOLA MODERNA PORTUGUESA

Graça Vilhena
Júlia Soares
Manuel Henrique
(orgs.)



LISBOA - 1992

MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA

EM
da Escola Moderna

Vo

11

CADERNOS DE FORMAÇÃO COOPERADA - 1

Centro de Recursos

Cota: _____

Data de aquisição: ____/____/____

**NOS 25 ANOS DO MOVIMENTO DA
ESCOLA MODERNA PORTUGUESA**

Graça Vilhena
Júlia Soares
Manuel Henrique
(orgs.)

**OFERECIDO AO
CENTRO DE RECURSOS
DO MEM POR:**

**OFERECIDO AO
CENTRO DE RECURSOS
DO MEM POR:**

LISBOA - 1992
MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA

Rosalina

Colecção	Cadernos de Formação Cooperada
Título	NOS 25 ANOS DO MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA PORTUGUESA
Organizadores	Graça Vilhena, Júlia Soares e Manuel Henrique
Composição, Paginação e Impressão	Tipografia-Escola da A.D.F.A. Rua de Artilharia Um, 107 - 1000 LISBOA
Edição	MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA Rua Dr. Teófilo Braga, 56 R/c 1200 LISBOA
Data de Edição	Julho de 1992

Próximo volume Práticas da Escola Moderna na Educação Pré-Escolar

Esta publicação foi subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian